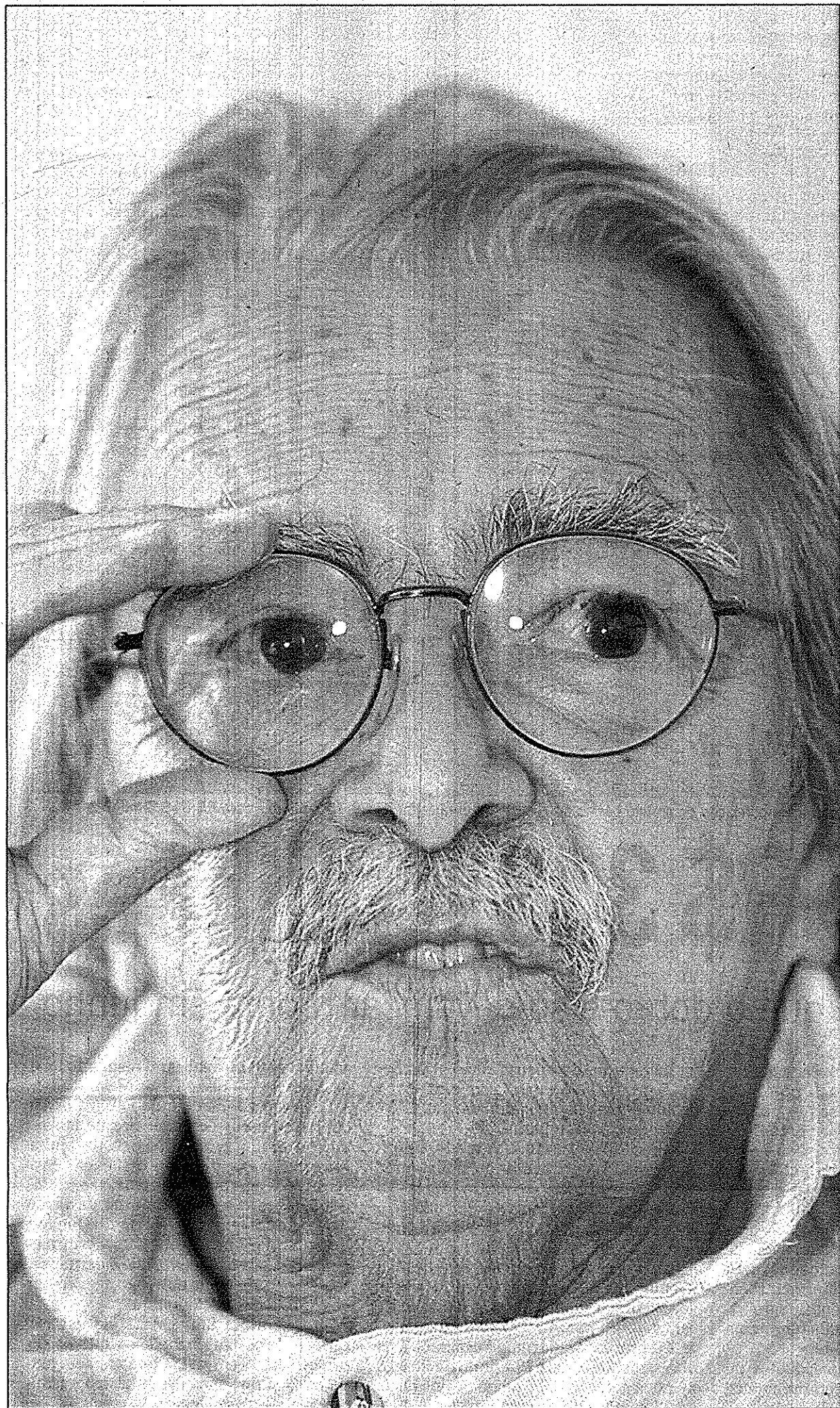


09/06/00
28/1/97:15
142

Darcy lança Projeto Caboclo para Amazônia

Iniciativa já tem garantido financiamento de US\$ 20 milhões e pretende ser alternativa para a região



DARCY RIBEIRO, em seu apartamento em Copacabana: projetos para salvar o que chama de o jardim do mundo

Aziz Filho e Catia Seabra

• Aos 74 anos, mesmo fragilizado por um câncer no pulmão, o senador Darcy Ribeiro (PDT-RJ) está prestes a concretizar o que chama de o maior sonho de sua vida. No próximo dia 17, em Brasília, ele vai reunir dezenas de estudiosos para concluir um projeto que pode transformar a vida miserável de milhões de caboclos e índios da gigantesca Amazônia brasileira, além de preservar o jardim do mundo — como Darcy chama a floresta onde já fez diversas expedições. O Projeto Caboclo, segundo ele idealizado há 50 anos, tem garantido um financiamento de US\$ 20 milhões da organização não-governamental (ONG) Associação Cristã de Pesquisa e Preservação do Meio Ambiente (Aspem), da Holanda.

Se Darcy não tivesse tirado do papel projetos importantes como a Universidade de Brasília, o Sambódromo, os Cieps e a Universidade do Norte Fluminense, o Projeto Caboclo poderia parecer delírio de um antropólogo apaixonado pelos índios. Mas ele acaba de receber do presidente da Aspem — que tem uma linha de financiamento de US\$ 120 milhões para a América do Sul — a garantia do repasse, a partir de 1998, do dinheiro necessário às primeiras unidades do projeto. Como tem pressa e não quer esperar mais um ano, Darcy já empreende uma cruzada em busca de outros patrocinadores.

Ele compara o projeto aos criadores de cabra na França.

— Eles produzem carne, queijo, vinho e pão. Se a França perdesse isso, seria o mesmo que perder sua literatura — diz.

Objetivo é evitar que filhos de índios venham para as cidades

O Projeto Caboclo parte da constatação de que é preciso evitar o êxodo dos filhos dos índios para a periferia empobrecida de grandes cidades. Segundo ele, há 3,4 milhões de caboclos favelizados em Belém e Manaus. Darcy quer fixar esse contingente na floresta, dando-lhe condições de, em cooperativas, cultivar e exportar produtos típicos, sem pôr em risco o equilíbrio ambiental.

Para tanto, serão criadas, em caráter experimental, seis unidades — as “comunidades caboclas” — na Região Amazônica, implantadas em terras devolutas da União. Cada uma terá cerca de cinco mil hectares de floresta virgem. O senador pretende atrair a

iniciativa privada para montar outras quatro unidades.

Em cada uma delas será construído um casarão — um “clube inglês para os caboclos” — cercado por 50 pequenas casas, se possível em círculos, destinadas a 50 famílias. A sede abrigará, pelo menos, uma sala de TV, uma escola e uma capela ecumênica. O espírito é fazer com que os caboclos, hoje isolados na floresta, resgatem a vida em comunidade de seus ancestrais.

Roças comunitárias e casas de farinha vão garantir a comida

Os caboclos terão roças comunitárias e casas de farinha para o próprio sustento, mas a atividade econômica principal será a montagem de um grande viveiro de sementes destinadas a enxertos para a produção de mudas de árvores frutíferas — como cupuaçu, bacuri, pupunha, açaí e castanha. O desmatamento não será necessário; bastará, se for o caso, cortar alguns galhos das grandes árvores para permitir a entrada dos raios solares.

— A floresta vive de si mesma e só sobrevive se continuar como está. Os caboclos podem até explorar a madeira, mas só das árvores plantadas para esta finalidade, como o mogno, e nunca da mata nativa — diz Darcy.

O senador idealiza ainda a criação de peixes — como pirarucu, tucunaré e tambaqui — na infinidade de lagos formados pelos rios da região:

— A criação de peixe dá mais lucro do que a do gado, pois a reprodução e o crescimento são mais rápidos e a alimentação, natural. Outra fonte de lucro pode ser o pau-rosa, cujo óleo, caríssimo, é usado como fixador dos perfumes mais caros do mundo. Imagine uma comunidade plantando 120 mil árvores dessas.

Nos primeiros cinco anos do projeto, cada família receberá um salário-mínimo por mês. O dinheiro será repassado pela Fundação Darcy Ribeiro, que também garantirá assistência técnica e jurídica, com especialistas brasileiros e estrangeiros, mantidos por bolsas de estudo de órgãos públicos ou ONGs.

Darcy não se intimida com a possível reação dos militares à idéia de atrair para a região entidades estrangeiras.

— Isso é uma idiotice. A maioria dos que vêm com bolsas de estudo só tem a intenção de ajudar a viabilizar a Amazônia para seus povos — disse. ■